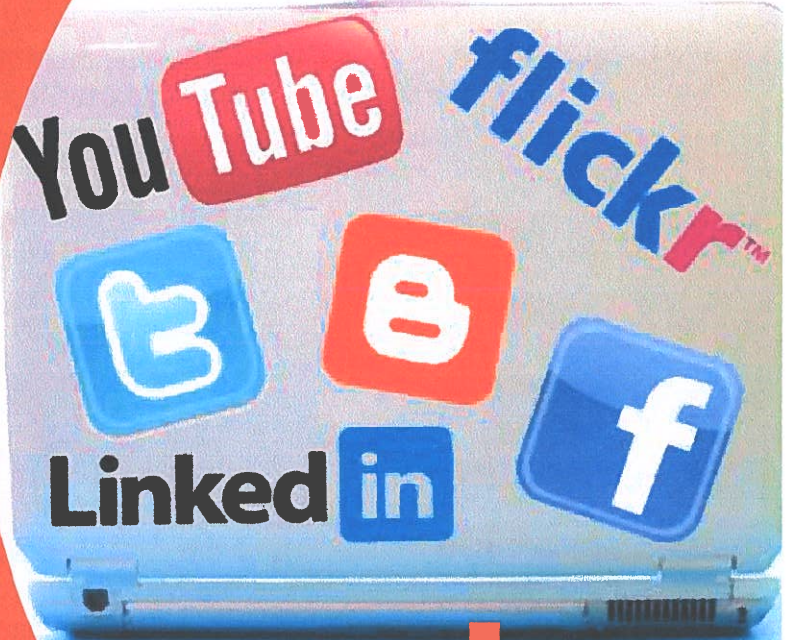


JULHO | AGOSTO | SETEMBRO | 2010



07

comunica

Escola Superior de Comunicação Social

SOCIALIZAR EM REDE

Actualmente, as redes sociais são um tema recorrente. Um pouco por todo o lado fala-se deste novo fenómeno e da forma como indivíduos e empresas nelas se envolvem para explorar todas as suas potencialidades. Nesta edição da *Comunica*, decidimos abordar a perspectiva sociológica das redes sociais.

Os docentes da ESCS José Cavaleiro Rodrigues e Miguel Figueiredo elucidaram-nos sobre este assunto numa conversa interessante e descontraída.

Para começar, questionámos os nossos entrevistados sobre a funcionalidade de uma rede social na sociedade. Ambos são da opinião de que as redes sociais permitem uma aproximação entre as pessoas.

Segundo Miguel Figueiredo, docente e *partner* na *Excentric*, as redes sociais, do ponto de vista teórico, "permitem ligar pessoas que têm algo em comum, como o facto de se conhecerem no mundo real, de partilharem os mesmos interesses, de gostarem de um mesmo sítio, etc. Há redes de diversas naturezas, que servem diversos interesses e têm diferentes funcionalidades e utilidades".

No entanto, para este profissional o *boom* das



redes sociais não é um fenómeno recente. “Nós esquecemo-nos de dizer redes sociais digitais. As redes existem desde que o homem existe. No entanto, redes sociais digitais, suportadas na *web*, são um fenómeno recente”.

Vidas paralelas

Actualmente, existem pessoas que pensam que a comunicação *online* é diferente da comunicação real. “Considero que é melhor pensarmos nisto como um contínuo, como uma extensão da comunicação virtual em relação à comunicação real”, afirma José Cavaleiro Rodrigues.

Para este docente, “continua a tratar-se de pessoas a interagir; a diferença é que a interacção virtual constitui-se de modo diferente e tem características que a comunicação face-a-face não tem. As pessoas controlam muito melhor a imagem que exibem aos outros. Na comunicação virtual pensamos trinta segundos na palavra que vamos usar, coisa que na comunicação oral não acontece”.

Um ciclo de adaptação

Miguel Figueiredo partilha da opinião do professor Rodrigues, afirmando que existem estudos que demonstram a tendência para as pessoas se comportarem nas redes sociais tal como na vida real. “Isto é um ciclo pelo qual a maior parte das pessoas passa. A primeira fase é a da introdução, na qual o indivíduo é mais observador do que interveniente. A segunda fase caracteriza-se pela tendência para ex-





perimentar ser outra pessoa. No entanto, as pessoas apercebem-se rapidamente da inconsistência da sua própria personalidade e tendem a voltar a ser aquilo que são. A presença na rede social não está dissociada da vida real, é um complemento”, explica Figueiredo.

Mais do que uma rede social

Ambos os entrevistados concordam com o facto de os utilizadores explorarem funcionalidades nas redes sociais que estão para além daquelas para as quais estas foram criadas. “Há imensa criatividade. A cada dia que passa descobrem-se novas formas de utilização destes meios. Hoje, muitos desses instrumentos servem a vida económica, política, os objectivos das empresas, a comunicação interna, etc.”, refere o professor José Cavaleiro Rodrigues.

Na opinião de Miguel Figueiredo, o fenómeno de base para o sucesso das redes sociais digitais é “estar atento aos desenvolvimentos por parte dos outros. O Facebook foi a primeira rede que teve a inteligência de se abrir para que outras pessoas pudessem desenvolver aplicações sobre ela. E isto fez com que o número de aplicações e utilidades fosse mais variado do que nas outras redes”, refere.

Sociologia

Quando se fala a partir de uma perspectiva sociológica, o professor José Cavaleiro Rodrigues assegura que “existe uma visão negativista que

diz que as redes sociais são fracas compensações para a incomunicabilidade que é característica do nosso tempo”.

Este docente prefere não adoptar uma visão tão pessimista. “Há novidades que nos deixam inquietos perante o desconhecido e é natural que gerem algum receio. No entanto, não acho que tenhamos de ficar sistematicamente preocupados”.

No entanto, “também seria errado pensar que as redes podem resolver todos os problemas de ausência de relacionamento, do isolamento social. As pessoas continuam a precisar de ‘abraços e beijinhos’ e de comunicar e discutir umas com as outras ao vivo” acrescenta o docente.

Democratização

Uma das questões colocadas aos entrevistados relaciona-se com a possibilidade de estas redes representarem a democratização da informação.

Por um lado, o professor Cavaleiro Rodrigues afirma que esta democratização advém “não tanto da questão do acesso, mas da possibilidade de todos podermos produzir a nossa própria informação e disponibilizá-la para os outros”.

Por seu lado, Miguel Figueiredo concorda com a opinião do professor Rodrigues. “A acessibilidade à informação não é necessariamente democratização”.

No entanto, para este docente, a democratização “tem outro pressuposto, que é a questão da maioria. Quando estivermos mais maduros na utilização das redes sociais digitais será possível levar ao extremo o fenómeno da democracia”, afirma.



comunica

Coordenação

Maria Duarte Bello

Equipa

Cristina Bettencourt

Joana Teixeira

Marcos Melo

Colaborações

Ana Teresa Machado

António Belo

Hélder Brites

Jorge Veríssimo

José Cavaleiro Rodrigues

Miguel Figueiredo

Sandra Pereira

Sara Farinha

Vasco Trigo

Revisão de Conteúdos

Jorge Trindade